



## TESTEMUNHO, MEMÓRIA E *BANALIDADE DO MAL* EM HANNAH ARENDT

Jaciel Rossa Valente<sup>1</sup>

A fortuna crítica de Hannah Arendt no Brasil pode ser aglutinada em cinco domínios investigativos, sendo esses: política, modernidade, totalitarismo, direito e história. A divisão funciona meramente quanto panorama, pois, na prática, encontram-se interligadas e indissociadas por variadas temáticas. Porém, cada domínio possui seus temas centrais e naturais. No caso da história, esse foi edificado inteiramente por historiadores que tomaram os escritos de Arendt como fontes históricas, haja vistas que a pensadora nunca se considerou uma historiadora. Nesse domínio, temas próprios como tempo, narrativa, ofício do historiador, espaço, biografia, compreensão de história, trajetórias e memória foram ganhando destaque, principalmente pelos trabalhos de Marion Brepohl, Renata Schittino, Jacy Seixas e Eduardo Jardim. Todavia, quanto ao tema da memória, notamos que os historiadores pouco se atentaram aos fragmentos que apontam uma determinada compreensão de memória a contrapelo ao fenômeno da *banalidade do mal*. Destarte, o trabalho em tela tem como tema a compreensão de memória de Hannah Arendt. Trata-se de uma pesquisa exploratória na qual, diferente de outros estudos que afunilam a investigação para dentro da obra arendtiana, procuramos colocar Arendt em diálogo com autores consagrados no campo da História. Fomentamos a discussão entre Arendt e Pollak, Nora, Halbwachs e Levi. Dessa forma, partimos do domínio da história e da temática da memória para problematizarmos, quais os aspectos gerais da compreensão de memória de Arendt? E quais suas aproximações e desavenças com a historiografia? Ao passo, objetivamos: a) mapear os aspectos basilares da compreensão de memória da pensadora; e b) explorar as aproximações e desavenças da pensadora com a historiografia. Buscando viabilizar a empreitada, selecionamos como fonte principal o livro *Eichmann em Jerusalém* publicado em 1963. O texto reporta o julgamento de Adolf Eichmann, ao mesmo tempo que debate sobre direito, justiça, testemunho, memória, política e *banalidade do mal*. Trata-se de um *locus reflexivo* arendtiano, uma marco em seus trabalhos, pois todas as reflexões subsequentes ao *Eichmann* ganharam novos contornos. Não somente isso, mas a partir da constatação da *banalidade do mal* no seio do totalitarismo, Arendt passa a dedicar maiores esforços no debate sobre testemunho e memória. Ao passo, operacionalizamos conceitos provenientes da *Begriffsgeschichte* (História dos conceitos) de vertente koselleckiana em três etapas. Na primeira, utilizando o conceito *ausgrenzung* que significa *catação/selação*, mapeamos os excertos que apresentam aspectos da compreensão de memória e testemunho de Arendt. Já na segunda etapa, empregamos as categorias *espaço de experiência* e *horizonte de expectativa* para analisarmos as experiências e propósitos de Arendt ao elaborar tais passagens que selecionamos ao longo da primeira etapa. Enquanto que na terceira etapa, procuramos estabelecer um diálogo entre Arendt e a historiografia selecionada por meio da categoria *estratos de experiências* que conduz a compreensão de experiências e expectativas como vinculadas a pessoas, acontecimentos e tempos específicos. Dessa forma, a investigação desembocou nas seguintes considerações: a) discussão a respeito do testemunho como ato de preservar, legar e agir contra o esquecimento; b) constatação do

<sup>1</sup> Licenciado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PR, Brasil. Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), PR, Brasil. Doutorando em História pela UFPR sob orientação da professora Dra. Marion Brepohl. E-mail: [jaciervalente@gmail.com](mailto:jaciervalente@gmail.com).

fenômeno da *banalidade do mal* enquanto desenraizamento do homem do mundo e a memória como atividade oposta a tal fenômeno. Com isso, a pensadora designa a memória como responsável pelo aprofundamento do que se compreendia por humanidade; e c) considerações preliminares do que podemos compreender como *fragmentos* de uma *política de memória* em Hannah Arendt. Fragmentos de caráter ético que sinalizam o empenho da pensadora em combater o fenômeno da *banalidade do mal*. Assim, nossa pesquisa agraga ao ofício do historiador na medida que discute a temática do testemunho, a fortuna crítica arendtiana por sinalizar um potencial novo tema que é a *política de memória* arendtiana e ao âmbito das políticas públicas por fornecer subsídios para ações institucionais dedicadas ao combate da irreflexão.

**Palavras-chave:** Hannah Arendt; Memória; Testemunho; História; Políticas de memória.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução José Rubens Siqueira. Companhia das Letras, 1999.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história: o manuscrito de Hannah Arendt. In: **Sobre o conceito de história**. Tradução Adalberto Müller e Marcio Seligmann-Silva. Alameda, 2020, p. 29-64.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. Vértice, 1990.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuições à semântica dos tempos históricos. Tradução Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Contraponto, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução Markus Hediger. Contraponto, 2014.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução Luigi Del Re. Rocco, 1988.

LEVI, Primo. **Os Afogados e os sobreviventes**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Paz e Terra, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara AunKhoury. **Proj. História**, v. 10, n. 1, p. 7-28, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 3-15, 1989.

**AGRADECIMENTOS:** agradeço a Universidade Federal do Paraná, ao programa de pós-graduação em História, a Dra. Marion Brepohl e demais professores que forneceram guarita para o desenvolvimento desta pesquisa e um campo fértil para a reflexão.